

OLHOS E MÃOS: UM OBJETO PROPOSITOR POÉTICO PARA PROVOCAR ENCONTROS

EYES AND HANDS: A POETIC PROPOSER OBJECT TO GENERATE ENCOUNTERS

Andrea Hofstaetter / UFRGS

RESUMO

Este artigo apresenta o projeto de pós-doutoramento intitulado Um objeto propositor poético: objetos de aprendizagem e referenciais artísticos, iniciado em agosto de 2018. A pesquisa visa aprofundar os estudos sobre os conceitos Objeto de Aprendizagem Poético e Pedagogia do evento e sobre produções artísticas em que se opera com a proposição de experiências para o público, buscando possibilidades para a criação de materiais a serem utilizados em situações de aprendizagem na disciplina de Artes Visuais, na Educação Básica. Paralelamente aos estudos teóricos, está sendo desenvolvido um Objeto Propositor Poético para ser utilizado no Ensino de Artes Visuais ou em outros contextos de aprendizagem, envolvendo o corpo e descobertas a partir do corpo através da criação de algumas extensões corporais poéticas.

PALAVRAS-CHAVE

Ensino de Artes Visuais; Objeto propositor poético; Objeto de aprendizagem poético; Pedagogia do evento; Artografia.

ABSTRACT

This article presents the postdoctoral project entitled A poetic proposer object: learning objects and artistic references, started in August 2018. The research aims to deepen the studies on the concepts of Poetic learning object and Pedagogy of the event and on artistic productions in which experiences are proposed to the public, seeking possibilities for the creation of didactic materials to be used in learning situations in the subject of Visual Arts, in Basic Education. Parallel to the theoretical studies, a Poetic proposer object is being developed to be used in Visual Arts Education or in other contexts of learning, involving the body and discoveries from the body through the creation of some poetic body extensions.

KEYWORDS

Visual Arts Education; Poetic proposer object; Poetic learning object; Pedagogy of the event; Artography.

Introdução

Este artigo apresenta a pesquisa em desenvolvimento no projeto de pós-doutoramento intitulado Um objeto propositor poético: objetos de aprendizagem e referenciais artísticos, com início em agosto de 2018 e término previsto para julho de 2019. A pesquisa tem como conceitos principais: Objeto de Aprendizagem Poético e Pedagogia do evento, buscando possibilidades para a criação de materiais didáticos a serem utilizados em situações de aprendizagem na disciplina de Ensino de Artes Visuais, na Educação Básica. Também se pauta pela busca de referenciais artísticos propositivos e participativos, que poderão contribuir com a intenção de aproximar a atuação pedagógica de uma intencionalidade artística.

Outras ideias que interessam nesta investigação são: material didático, objeto de aprendizagem e objeto propositor. Esses conceitos estão sendo estudados desde 2009, num percurso de pesquisa que se debruça sobre criação, uso e avaliação de materiais didáticos e objetos de aprendizagem para Artes Visuais na Educação Básica. Vários materiais já foram produzidos, tendo sido seu processo de criação, os referenciais artísticos e as reflexões teóricas pertinentes expostos em artigos anteriores. Nessa etapa da investigação está em desenvolvimento a criação de um novo material, entendido como Objeto Propositor Poético, e o aprofundamento do estudo dos conceitos de Objeto de Aprendizagem Poético e de Pedagogia do Evento.

Também está sendo abordada a *A/r/tografia* (ou *Artografia*), como concepção de pesquisa e atuação docente na área de Ensino de Artes. *A/r/t* é uma metáfora para: Artist (artista), Researcher (pesquisador) e Teacher (professor). *Grafia* refere-se à forma de escrita ou de representação da pesquisa feita pelo professor/artista/pesquisador. Essa forma de conceber pesquisa ligada ao ensino e à produção poética teve origem na Faculdade de Educação da Universidade da Columbia Britânica, UBC, Canadá, há aproximadamente duas décadas (DIAS e IRWIN, 2013).

A construção do Objeto Propositor Poético, nesse processo, é entendida como forma de atuação artográfica, intencionando-se produzir, com seu uso, uma experiência de criação poética. Esse objeto poderá ser utilizado em situações de aprendizagem em Artes Visuais, em diferentes níveis de ensino, ou em outros contextos de aprendizagem. O material, em si, pode ser visto como proposição artística e educativa, ao mesmo tempo em que abre-se à criação poética dos utilizadores. Duas importantes referências artísticas para essa criação são os dois artistas brasileiros Lygia Clark e Hélio Oiticica, cuja obra propositiva tem grande interesse para essa investigação.

Situando o percurso investigativo

Esta proposta de pós-doutoramento faz parte de um percurso iniciado em 2009, através de sucessivos projetos de pesquisa, ligados à atuação em ensino e em extensão, na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O projeto atual teve início em março de 2018 e intitula-se A criação de materiais didáticos como ato poético. É interesse central nessa trajetória refletir sobre processos de aprendizagem em Artes Visuais a partir da produção e utilização objetos de aprendizagem, materiais educativos e jogos, com e sem uso de tecnologias digitais.

Os conceitos que pautaram as reflexões teóricas e as produções práticas ao longo dos últimos anos foram: os próprios conceitos de material didático e de objeto de aprendizagem; as ideias de objeto propositor e de professor propositor, com referência principal em Mirian Celeste Martins (2005), o conceito de objeto propositor poético, desenvolvido em pesquisa de doutorado de Tatiana Fernández (2015); e outros conceitos encontrados em produções da área, tal como o de dispositivos sensíveis para a produção de experiências de aprendizagem, descoberto no material educativo da exposição LUPA – Ensaios Audiovisuais, realizada pelo Museu de Artes e Ofícios de Belo Horizonte, em 2016.

Pretende-se, numa perspectiva mais abrangente, apontar possibilidades para a inserção de novos recursos pedagógicos no contexto escolar ou em outros espaços

educativos. Intenciona-se contribuir com o trabalho na docência, dando a ver formas alternativas de produzir propostas e materiais, através de uma atuação autoral e também poética, acreditando-se que a ação do professor/propositor/pesquisador em situações de aprendizagem poderá aproximar-se do que pode ser produzido em contato com obras artísticas que requerem participação e ação do público.

Espera-se contribuir com o campo de produção de materiais para proposições de aprendizagem em nossa área, entendendo-se que uma das funções do educador é produzir objetos propositores, desencadeadores de processos de criação e pensamento singulares com os estudantes dos diversos níveis da educação.

Para embasar a construção de objetos propositores poéticos se faz necessário buscar referenciais artísticos propositivos, que exigem um outro modo de relacionar-se com o objeto artístico e com o espaço de exposição, envolvendo também a interação com outros sujeitos e a realização de ações. Desde a modernidade e especialmente no contexto da produção artística atual, denominada de arte contemporânea, há vários artistas que criam dispositivos provocadores de ações por parte do público, que se torna co-autor da obra. São trabalhos que ultrapassam a contemplação e que se abrem à participação ativa dos sujeitos provocados.

A ideia de experiência é outra importante contribuição para pensar no que se pretende criar com a utilização desse tipo de material. Parte-se do pressuposto de que o trabalho docente em Artes Visuais é a produção de experiências artísticas de aprendizagem, que envolvem todos os participantes, visando abrir espaço para as invenções de cada um. Um autor referencial para essa questão é John Dewey, para quem toda experiência é educativa, envolvendo a corporalidade e a constituição da subjetividade.

Objetos de aprendizagem poéticos

O conceito de objeto de aprendizagem poético (OAP), é referenciado na pesquisa de doutoramento de Maria del Rosario Tatiana Fernández Méndez, que assina outros

textos como Tatiana Fernández, defendida em 2015 e intitulada O evento artístico como pedagogia. Os OAP são entendidos como uma forma de reversão do conceito de Objeto de Aprendizagem (OA) e de uma concepção de ensino-aprendizagem a ele relacionado, pensando-se no seu surgimento, ligado ao uso das tecnologias na educação. De acordo com a autora:

Trata-se da apropriação da concepção de Objetos de Aprendizagem (OA), que aparece no começo do século XXI na literatura associada, por uma parte, ao uso de novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na educação, geralmente por pesquisadores do campo das mídias digitais, tecnologia e educação; e por outra, ao discurso da denominada Economia da Aprendizagem (Learning Economy). (FERNÁNDEZ E DIAS, 2015, p. 2)

Em relação ao conceito de Objeto de Aprendizagem, temos que:

Os OA se definem como objetos especialmente desenhados para aprender. É, de fato, uma definição muito ampla que pode incluir planos de aula até livros didáticos. O que distingue estes artefatos de outros recursos educacionais (livros, revistas, filmes, mapas, móveis, equipamento, material, instrumentos) é que são objetos que contém em si um processo pedagógico. São, portanto, criados com uma intenção pedagógica, pensados para um determinado processo de aprendizagem. Os OA são dessa maneira, recursos especializados. Por este motivo se reconhecem como objetos de aprendizagem e, embora o termo seja aberto a muitas possibilidades, existem diversas propostas para denominar, definir e estabelecer parâmetros. (FERNÁNDEZ MÉNDEZ, 2015, p. 187)

Inicialmente, a concepção de OA corresponde a uma visão mecanicista e econômica da aprendizagem, podendo "ser instrumentos de hegemonização na educação, enquanto os OAP apontam processos de singularização que conduzem à pluralidade, ocupando o espaço conceitual da educação e da arte por caminhos invisibilizados" (Idem). Há uma transposição da ideia inicial de OA para um território poético. Ou seja:

Os OAP são, portanto, objetos especialmente pensados para reinventar e reconstruir conhecimento que continua a se transformar. Isso significa provocar novas formas de pensar e se relacionar com

os conhecimentos. Assim, pensar na construção de OAP já é, em si mesmo, um ato poético que exige pensar nas dimensões em que acontece a experiência estética e pedagógica. (FERNÁNDEZ E DIAS, 2015, p. 9)

Os Objetos de aprendizagem poéticos, como dispositivos sensíveis, provocam encontros e novos agenciamentos entre os sujeitos, os objetos, os espaços, os processos e resultados das aprendizagens. Abrem-se ao inusitado, possibilitam contágios, contaminações e hibridações, que, por sua vez, podem mudar as formas de aprender e conhecer (FERNÁNDEZ E DIAS, 2015).

Existem poucos objetos de aprendizagem criados para o ensino de artes visuais e aqueles que estão disponíveis na rede ou de outra forma, não estão abertos à criação poética e à invenção. Muitos até mesmo deixam de lado a experiência estética. Estruturam-se a partir de um modelo cientificista que pretende transmitir certo conteúdo e testam a aprendizagem com respostas previamente programadas, que serão consideradas certas ou erradas. Esse modelo pouco contribui a uma aprendizagem significativa das visualidades porque omite a importância da imaginação, do diferente, do dissidente, do subjetivo e do coletivo na construção do conhecimento e do saber visual. A reflexão crítica e a produção poética não encontram lugar nestas situações (FERNÁNDEZ, s/d).

Através da criação e do uso de OAP, cuja concepção estabelece paralelos com ações artísticas propositivas, educadores em artes visuais passam a “compreender sua prática pedagógica como uma prática criativa e poética da mesma maneira que o estudante possa pensar seu estudo como um ato criativo e poético” (FERNÁNDEZ, s/d, s/p).

Um outro aspecto, que nos leva a seguir para a ideia de pedagogia como evento, relacionada à criação e uso de OAP, é que a autora os entende como poéticos não por evidenciarem um discurso, que seria o do autor. “Nem se atentam a circunscrever o que poderia ser uma poética do pedagógico. São poéticos porque movimentam eventos” (FERNÁNDEZ MÉNDEZ, 2015, p. 201).

Pedagogia como evento

A ideia de pedagogia como acontecimento ou como evento, referenciada em Dennis Atkinson (2008, 2014) e também utilizada por Tatiana Fernández (2015), vem contribuir com a intenção de criar alternativas ao cotidiano escolar, propondo-se, a partir de uma intencionalidade poética, ações, diálogos e relações disruptivas. Para Atkinson as situações educativas são espaços políticos e de dissenso, nos quais pode irromper o novo, o inesperado e até o indesejável. Um evento ou acontecimento é algo que perturba o estabelecido, porque é da ordem do aqui e agora e, talvez, do ainda não.

Um evento, nessa perspectiva, é considerado como um distúrbio, uma ruptura na forma usual de pensar e atuar. Dessa forma, pode precipitar a aprendizagem, porque requer o estabelecimento de novas relações entre o que é conhecido e o que ainda não é. Um evento nunca ocorre isoladamente. Está sempre encadeado a outros eventos.

Pensar a aprendizagem como evento ou acontecimento tem relação com uma concepção de aprendizagem relacional. O conhecimento se produz na relação entre vários elementos. Dessa forma não pode ser entendido como verdade pré-determinada. Alain Badiou, citado por Dennis Atkinson denomina de “procedimento da verdade” aquilo que é provocado nesses encontros. Ensinar e aprender não se trata de estabelecer verdades, mas de encontrar verdades produzidas nos diálogos entre muitos, que, por sua, vez, poderão ser transformadas a partir de outros diálogos e encontros. A cada evento de aprendizagem se produzirão reprocessamentos de verdades encontradas anteriormente (ATKINSON, 2014).

A pedagogia do evento procura dar espaço a procedimentos da verdade na aprendizagem, isto é, dar espaço ao imprevisível. Este tipo de pedagogia nas artes visuais não pode se situar no discurso de reprodução social e cultural que procura ensinar valores e formas estabelecidas, nem pode se situar no discurso crítico que procura ensinar ferramentas para questionar estes valores e formas, pois enquanto estes partem da ideia de que o estudante não pode pensar

por si mesmo, não haverá espaço para a produção, ou poiese. Para uma pedagogia do evento é importante que exista espaço para personalizar o conhecimento construindo novas formas. (FERNÁNDEZ MÉNDEZ, 2015, p. 29)

Dennis Atkinson (2014) propõe o que chama de anti-pedagogia, no sentido de haver uma necessidade de rompimento com a normatização na educação. Toda norma prevê comportamentos e resultados, não abrindo brechas para o imprevisto e imprevisível. E a riqueza do que se precipita no evento é justamente aquilo que não foi previamente programado através da norma.

Atuar nos vazamentos do imprevisível que se processa nos acontecimentos ou eventos envolve situações de risco. Pressupõe lidar com aquilo que surge inesperadamente e que pode até não ter sido desejado, porque implica em aceitar o que vem do outro. Esses pensamentos não são estranhos ao campo da produção artística. Toda proposição poética carrega em si algo da ordem do ainda-não. No campo da educação em arte, portanto, podem-se potencializar os diálogos a partir de uma perspectiva que considera a dimensão aberta dos encontros com objetos artísticos e com aquilo que podemos produzir a partir dos mesmos, no encontro com o outro.

O encontro entre o evento pedagógico e o evento artístico se move na metáfora da construção que envolve fazer e produzir. Fazer estabelece uma relação com a matéria e com o ambiente e determina uma relação social que está sujeita a uma vontade, portanto é criativa. A produção, diferentemente, deixa espaço ao emergente, ao que ainda não é e que foge de uma vontade ou da previsão (portanto não é criativa). Esta dupla condição é para Jan Jagodzinski e Jason Wallin (2013) práxis e poiesis: na concepção grega "práxis (prattein) se refere ao ato de fazer ou ao poder expressivo da vontade." (p. 85). Já a poiesis se refere à 'pro-dução' (poiein) que é "debelar a verdade sem alguma conexão com considerações práticas ou intento voluntário" (Ibidem). Eles nos lembram que produzir é provocar uma transformação de algo que vai do que é ao campo virtual do que pode ser. (FERNÁNDEZ MÉNDEZ, 2015, p. 28,29)

Tanto no campo da educação em arte como no campo da produção artística se opera com a noção de evento. Em ambos os casos o que importa é a abertura para

o que ainda não foi pensado, na criação de procedimentos de verdade em relação a contextos do fazer e da produção. Não há formas e práticas universais, mas relacionadas a contextos, portanto, fraturadas e reconfiguradas. A verdade estaria ligada, então, a eventos que transformam realidades.

O conceito de evento pedagógico de Atkinson [...] que se estende ao conceito de evento artístico, se relaciona à experiência estética deweyana na ênfase sobre o corpo em sua experiência com o mundo, isto é, sobre a existência. Para ele, a ideia de existência implica em um estar (being there) em um lugar particular de tal maneira que a diferença permita estabelecer relações, estruturas, posições e identidades entre os seres. (FERNÁNDEZ MÉNDEZ, 2015, p. 97)

O pensamento de John Dewey é trazido por Fernández, relacionado à ideia de evento pedagógico e de evento artístico, para apontar a que tipo de experiência se está referindo. Seria a experiência como o 'estar sendo', como algo em processo, em constante produção, que envolve um corpo em ação, que muda, que está vivo. Não é experiência como algo acabado e memorável, que já se completou num passado. Também não é o que se passa fora do corpo.

Dewey advoga pela compreensão da arte como uma experiência significativa onde a emoção, o pensamento e a ação fazem parte da mesma dinâmica. Numa experiência vital não é possível dividir o prático do intelectual nem do emocional. As emoções unem as partes da experiência em um todo, o intelectual dá nome ao significado e o prático indica que o organismo interatua com os eventos e artefatos do seu contexto. A relação entre o corpo e o mundo na estética somática deweyana se acerca à preocupação fenomenológica pela experiência do mundo, uma experiência que para Maurice Merleau-Ponty é corporificada, intersubjetiva e situada. (FERNÁNDEZ MÉNDEZ, 2015, p. 42)

O corpo assume posição central nessa abordagem, já que a experiência e a experiência estética situam-se no domínio do corpo e não no do discurso teórico. Trata-se de um 'saber corporificado', que pode se relacionar com diversos discursos teóricos (FERNÁNDEZ MÉNDEZ, 2015). Nesse sentido, parte-se, nessa investigação, para a produção de um OAP ou de um objeto propositor poético

(OPP), pautado pela centralidade do corpo, em transformação e em diálogo aberto, enquanto produzindo, vivendo e participando de eventos artístico-pedagógicos.

A/r/tografia

A Artografia é entendida como pesquisa viva, que requer ou só existe com envolvimento pessoal, integrando aspectos relacionais com outros sujeitos envolvidos. É uma forma de ação interventiva no contexto de atuação. Trata-se de pensar a pesquisa de modo criativo e inventivo não somente no que toca aos aspectos daquilo que vai sendo produzido, mas também em sua forma de apresentação ou compartilhamento de resultados. Esses poderão ser apresentados através de procedimentos artísticos – literários, visuais e performativos.

A Artografia tem buscado consolidar, entre outros interesses, a prática de arte como forma legítima de pesquisa. Para além de uma simples metodologia, é pedagogia, é processo, é “encontro constituído através de compreensões, experiências e representações artísticas e textuais” (DIAS e IRWIN, 2013, p. 28). É um modo de proceder inventivamente para dar conta do que escapa ao discurso convencional na pesquisa em ciências humanas, campo do qual se busca, em arte, por proximidade de interesses, metodologias e formas de abordagem na prática da pesquisa.

Conforme Rita Irwin (DIAS e IRWIN, 2013, p. 30), a artografia tem caráter reflexivo, recursivo, refletivo e responsável. Esses aspectos relacionam-se com o modo como trabalhos artísticos e de educadores contemporâneos podem servir de impulso para a forma de realizar pesquisa e de produzir conhecimento em artes. Além de haver um caráter de invenção em relação ao modo de fazer e de apresentar pesquisas, há aspectos éticos e relacionais a serem considerados. Diz a autora:

O trabalho dos a/r/tógrafos é reflexivo, recursivo, refletivo e responsável. Reflexivo, ao repensar e rever o que aconteceu antes e o que pode advir; recursivo ao possibilitar que suas práticas espiralem por meio de uma evolução de ideias; refletivo ao questionar seus próprios preconceitos, suposições e crenças;

responsável ao assumir o encargo de agir eticamente com seus participantes e colegas. (DIAS e IRWIN, 2013, p. 30)

A realização da pesquisa artográfica tem natureza rizomática, pois se elabora numa teia de conexões que se estabelecem de acordo com cada contexto e em relação aos sujeitos envolvidos. “As questões relacionais estão em todos os aspectos da a/r/tografia” (DIAS e IRWIN, 2013, p. 31). Sendo elaborada na relação entre diferentes sujeitos, está ligada a diferentes formas de ver, sentir e interpretar conhecimentos.

Não há modelos nem para a realização da pesquisa e nem para a apresentação de seus resultados. Os projetos artográficos serão divulgados e compartilhados da forma que for criada através do processo. Como em qualquer pesquisa, porém, seus resultados terão que levar a novos patamares de compreensão da realidade e dos conhecimentos sobre os quais se debruça. Os modos de apresentação, por serem artísticos, não deixam de atender a responsabilidade de atuar e transformar a realidade relacionada à pesquisa. Conforme Irwin, “A/r/tógrafos também terão de estudar como intervenções podem transformar determinados contextos” (DIAS e IRWIN, 2013, p. 34).

De acordo com um grupo de pesquisadores da Faculdade de Educação da Universidade da Columbia Britânica (UBC), no Canadá, que analisam e apresentam uma compilação de pesquisas realizadas através da artografia, essa é uma forma de pesquisa híbrida, baseada na prática (DIAS e IRWIN, 2013). E é realizada “através de um processo contínuo de fazer arte, qualquer forma de arte, e escrever, mas não separados ou ilustrativos um do outro” (DIAS e IRWIN, 2013, p.100).

Por ser ligada a situações de vida e, por isso, por ser pesquisa viva, os problemas de pesquisa podem surgir e mudar no decorrer do processo. É um estado dinâmico que se transforma no percurso. De acordo com os pesquisadores deste grupo (da UBC), a pesquisa artográfica pode se mover em diferentes direções ao mesmo tempo, podendo ser vista como uma espécie de metodologia de situações,

mesclando produção artística e prática educativa. Nesses encontros e conexões emergem saberes e significados para os conhecimentos.

No projeto de pesquisa aqui apresentado entende-se que a criação de um objeto propositor poético e sua utilização em situações de aprendizagem em Artes Visuais, é uma proposta artográfica, na medida em que se conectam e atravessam modos de produção artística e de prática educativa. O objeto 'Olhos e mãos', que será apresentado na próxima seção, e que inclui os 'Óculos de realidade especial ou inventada' e as 'Luvas de sensação', pode ser visto e experimentado como uma proposição artística. E também como uma proposta educativa, pois foi criado tendo como base de referência algumas formas de manifestação artística e pretende, através de seu uso em experiências compartilhadas, criar condições para a produção de conhecimentos relativos aos referenciais artísticos em questão e a novas maneiras de ver, sentir e atuar sobre a realidade, artisticamente, esteticamente, inventivamente e conscientemente.

O objeto propositor poético 'Olhos e mãos'

O Objeto Propositor Poético (OPP) elaborado nesse processo intitula-se, como já mencionado, 'Olhos e mãos'. Trata-se de um conjunto de dispositivos que tem como suporte o corpo e que provocam descobertas a partir do corpo através de algumas extensões corporais poéticas (Figuras 1 e 2). Esse OPP foi elaborado com a intenção de criar condições de exploração sobre modos de perceber as relações do corpo com o espaço e com outros corpos.

Juntamente aos dispositivos corporais 'Óculos de realidade especial ou inventada' e 'Luvas de sensação', há alguns protocolos de ações sugeridas, com o seu uso, tomando por referência as atividades de Allan Kaprow. Nestas, o artista propõe a realização de algumas experiências na relação entre corpos, que movem-se e relacionam-se por meio de algumas ações delimitadas pelo protocolo criado por ele. Nessas proposições são questionados os modos de viver e de relacionar-se, as

formas de considerar o outro e de comportar-se em relação ao outro, ao meio e a si mesmo/a.



Figura 1. Óculos de realidade especial ou inventada, 2018.
Fonte: arquivo pessoal.



Figura 2. Luvas de sensação, 2019.
Fonte: arquivo pessoal.

HOFSTAETTER, Andrea. Olhos e mãos: um objeto propositor poético para provocar encontros, In: ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PESQUISADORES EM ARTES PLÁSTICAS, 28, Origens, 2019, Cidade de Goiás. Anais [...] Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2019. p. 617-631.

Este OPP, além de propor experiências através de sugestões previamente elaboradas, prevê também a atuação dos usuários sobre os próprios objetos e sobre seu uso, na forma de elaboração de novas propostas de ver e sentir, como também de protocolos de ações a serem criados no momento de utilização. O público alvo inicial são jovens e adultos, prevendo-se sua utilização por estudantes de Educação Básica e Superior, de diferentes faixas etárias.

Conclusão

O OPP criado nessa investigação vem sendo experimentado com diferentes públicos, procurando-se observar de que forma ocorrem as relações dos sujeitos com o material, dos sujeitos entre si e com aquilo que é proposto. Também é importante observar de que forma os sujeitos atuam sobre o material de maneira inventiva. Tem se buscado refletir sobre as potencialidades do objeto para outros usos e recriações, a partir daquilo que é experimentado em diferentes contextos.

A reflexão sobre os conceitos de Objeto de Aprendizagem Poético e sobre Pedagogia do evento muito contribuíram para repensar processos de educação em Artes Visuais, intermediados por materiais criados a partir de uma perspectiva pautada na ação poética do/a professor/a. Pretende-se aproximar o evento pedagógico do evento artístico, não necessariamente sendo possível distinguir um do outro.

Um possível desdobramento desse projeto é a elaboração de um material digital dirigido a professores contendo os referenciais artísticos da proposta e apontamentos sobre os conceitos presentes no trabalho, com o fim de estimular a criação e uso de outros dispositivos poéticos propositivos e participativos, pensados como Objetos Propositores Poéticos.

Referências

ATKINSON, Dennis. Pedagogy against the State. **The International Journal of Art & Design Education**. Volume 27, p. 226-240, outubro de 2008. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/epdf/10.1111/j.1476-8070.2008.00581.x>. Acesso em 18 ago. 2018.

ATKINSON, Dennis. **Pedagogy of the Event**. 2014. Disponível em: https://www.kettlesyard.co.uk/wp-content/uploads/2014/12/onn_atkinson.pdf. Acesso em 18 ago. 2018.

DIAS, Belidson; IRWIN, Rita L. (Org.). **Pesquisa educacional baseada em arte: A/r/tografia**. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2013.

FERNÁNDEZ MÉNDEZ, Maria del Rosario Tatiana. **O evento artístico como pedagogia**. Tese de Doutorado. Brasília: Universidade de Brasília, Instituto de Artes, PPGArte, 2015.

FERNÁNDEZ, Tatiana. **Objetos de aprendizagem poéticos para o ensino das artes visuais**. Brasília: Universidade de Brasília, s/d. Objeto de aprendizagem digital. Disponível em: http://www.estagiodeartista.pro.br/artedu/oap_oficina/index_oapnew.htm. Acesso em 24 ago. 2018.

FERNÁNDEZ, Tatiana; DIAS, Belidson. **Objetos de aprendizagem poéticos: máquinas para construir territórios de subjetivação**. Santa Maria/RS: Anais do 24º Encontro Nacional da ANPAP, 2015, p.3481-3495.

LUPA – Ensaio Audiovisuais. **Caderno do Professor**. Material Educativo. Belo Horizonte: Museu de Artes e Ofícios, Programa Educativo, 2016.

MARTINS, Mirian Celeste (Org.). **Mediação: Provocações Estéticas**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista – Instituto de Artes. Pós-Graduação. V.1, n.1, out. 2005.

Andrea Hofstaetter

Doutora (2009) e Mestre (2000) em Artes Visuais, com ênfase em História, Teoria e Crítica pelo PPGAV/IA/UFRGS; Licenciada em Educação Artística: Habilitação em Artes Plásticas (1994) pela FEEVALE. Professora Associada do Departamento de Artes Visuais, IA, UFRGS. Integrante do GEARTE - Grupo de Pesquisa em Educação e Arte, FACED/UFRGS. Pós-doutoranda PPGEDU/FACED/UFRGS. Contato: andreahto@terra.com.br.